

OLAVO AMARAL E A DIFICULDADE DE NOS COMUNICARMOS NO MUNDO ATUAL

Resenha de:

AMARAL, Olavo. **Dicionário de línguas imaginárias**. São Paulo: Alfaguara, 2017.

Gustavo Melo Czekster¹

Em um mundo cada vez mais conectado e com uma vasta gama de informações sendo compartilhadas de forma quase instantânea, chama atenção que o maior problema atual seja justamente a dificuldade de nos comunicarmos. A progressiva ausência de contato humano – boa parte das relações estabelecidas na atualidade utiliza-se da intermediação de um meio eletrônico – faz com que o estabelecimento de ligações torne-se algo em constante estágio de precariedade. Vivemos em um mundo em que se fala muito – e se diz muito pouco.

Nesse cenário, os contos presentes no livro “Dicionário de línguas imaginárias” (Afaguara, 2017), do escritor gaúcho Olavo Amaral, acabam se revelando sintomáticos da época em que vivemos. Ao escolher a dificuldade de comunicação como força motriz das dez narrativas curtas incluídas na obra, Amaral descortina a grande dificuldade que é comunicar exatamente aquilo que se pretende – e ser entendido com exatidão pela outra pessoa. Todo ato comunicativo é um processo de comunicação, em que o sujeito que fala/escreve constrói sentidos com o sujeito que escuta/lê, que não necessariamente vai entender o que o falante quer dizer do jeito que ele pretende. O livro trata, assim, de um assunto que não só pertence ao cipoal das relações humanas como também se relaciona com as áreas da linguística e da comunicação.

Logo na abertura de “Dicionário de línguas imaginárias”, em uma característica que também se faz presente nos outros livros do autor, encontra-se um texto que serve de preâmbulo e de prefácio para a obra, e nele Olavo Amaral ficcionaliza o tema a ser perseguido nas demais narrativas curtas. Ao contar a história de um narrador que passou a

¹ Doutorando em Escrita Criativa pela PUC-RS.

vida se esforçando em apagar todas as línguas que sabia até perceber que era o único falante de um idioma particular, auto-sentenciado a vagar sozinho por um mundo repleto de incompreensão, o autor demonstra a importância da comunicação para estabelecer a própria identidade. Quando falamos com os outros, também estamos falando conosco mesmos, e essa duplicidade comunicacional encontra-se na própria essência daquilo que nos transforma humanos. Uma pessoa capaz de se condenar à incompreensão tanto dos outros quanto do mundo que lhe cerca é o solitário por excelência. Não se comunicar é ser incapaz de estabelecer elos e, em um momento que a necessidade de transmitir informações é vital para seres cada vez mais conectados e dependentes de dados, quem intencionalmente opta pela não-comunicação é alguém que se exclui do contato humano. Se a comunicação em excesso é ruim, a sua ausência ou incapacidade encontra-se na origem de todos os conflitos que perpassam a História dos povos.

O conto mais emblemático dessas dificuldades de comunicação é aquele que inicia o livro. Em “Uok phlau”, o autor conta a história dos Yualapengs, uma tribo que vivia na América Latina na época da colonização européia, e teria servido de objeto de estudo do linguista Gérard Valdés. O estrangeiro encantou-se pela inusitada peculiaridade da língua indígena, que não possuía nenhuma palavra para designar os verbos “ir”, “vir” ou “voltar”. Todos os seus referenciais de direção estavam ligados ao lar e, nessa conjuntura, os yualapengs encontravam-se sempre em direção à própria casa. Nunca indo, vindo ou voltando de algum lugar, mas em constante movimento. As incertezas linguísticas de Valdés passam por uma experiência prática de como os yualapengs enxergavam o mundo, e tanto o estudioso quanto o leitor percebem a lógica do raciocínio dos índios, notando a vacuidade dos verbos e, por extensão, de uma linguagem que não dá conta do fato inelutável de que os seres humanos estão sempre em deslocamento físico ou mental, sempre em direção da própria casa, seja ela qual for.

Esse conto se relaciona de maneira quase simbiótica com “Esquecendo Valdés”, que explica a criação não só do linguista, mas dos índios yualapengs. Nesse caso, a invenção de uma língua por um casal de estudiosos, além de deformar a realidade, também exemplifica o fato de que, mesmo quando nos sentimos paralisados, estamos em movimento irresistível rumo àquilo que consideramos casa. Após a jornada por uma cidade desconhecida em busca da mulher com quem criou o falso linguista Gérard Valdés, o narrador percebe que, se nunca chegamos a nenhum lugar, só podemos estar andando em

círculos, ou seja, ele está em “uma narrativa à qual segue voltando, tal qual um nativo que não dispusesse de vocabulário para ir a outra parte.” (AMARAL, 2017, p. 97). A experiência humana seria estar em deslocamento sem nunca chegar ao destino, em eterna insatisfação e desconforto, algo que, ao mesmo tempo em que nos transforma em eternos nômades de nos mesmos, também está na base da nossa evolução.

As dificuldades comunicacionais podem acontecer na esfera subjetiva e também nos mais diferentes níveis. No conto “O ano em que nos transformamos em ciborgues”, o casal de revolucionários comunga de um sentimento sem que nunca tenha se encontrado pessoalmente. O sentimento existe sem contato, e ambos sentem a presença um do outro sem sequer estabelecer um diálogo, como se o ato comunicativo prescindisse da existência de palavras. Enquanto planejam um movimento social, o casal se sente irmanado e junto mesmo à distância, em uma relação imaginária que suplanta a necessidade de contato físico. Quando a revolução malogra e ambos são feridos, a desconstrução da atitude de inconformidade e a posterior transformação do casal em símbolo do movimento vencedor demonstra que o ato comunicativo é igualmente uma relação de poder: quem determina o valor de um discurso é quem está em vantagem. A mesma atitude usada em um contexto revolucionário pode ser mitigada, recortada, redimensionada, até se transformar em elemento de perpetuação do *status quo* vigente. É um traço de amarga ironia a circunstância de que o casal se encontra pessoalmente somente após ganhar próteses fornecidas pelo governo que os feriu, reconhecendo que se sentem mais preparados agora que não possuem partes dos próprios corpos. É a aceitação resignada de que um sentimento pleno só pode existir quando não somos completos, e de que, nos nossos atos comunicativos, encontram-se presentes, de forma indelével, igualmente os discursos que discordamos ou desprezamos. Um dos efeitos mais nefastos da comunicação humana é encontrar, dentro da nossa individualidade, também a voz da sociedade de que fazemos parte.

Olavo Amaral ainda trata das dificuldades de comunicação entre um casal idoso que precisa sobreviver ao luto e reaprender a se comunicar, utilizando como metáfora um buraco incômodo que se amplia no interior da casa, representando a ausência deixada pela morte do filho (“Quarto à beira da água”). No conto “Choeung Ek”, faz-se presente a ideia de que, por baixo de todo ato de comunicação, existe também uma miríade de mensagens que preferimos ignorar ou não ver. Ao contar a história de uma comunidade que vive da exploração comercial dos restos mortais deixados por um campo de concentração, o autor

mostra que, por trás do discurso oficial que repugna tais atos e da banalização do terror, existem pessoas oprimidas que sentem falta justamente da opressão, a qual lhes fornecia um sentido para existir. Enquanto os padrões civilizatórios criticam os atos de violência, ganhando dinheiro graças à exploração do próprio horror pelos quais foram responsáveis, os habitantes locais encenam as épocas em que foram subjugados, torturados e mortos. A civilização despreza o ato por meio de uma rememoração que mal esconde uma dose de fetichismo, mas as vítimas lembram o mesmo ato pelo ângulo oposto: o de celebrar a vida que persistiu em meio à opressão, ao invés de lembrar a morte representada pelas centenas de ossos e crânios que hoje fazem parte da lúgubre exposição.

Nenhum conto demonstra mais o dilema humano de viver em uma comunidade dotada de múltiplos (e por vezes incompreensíveis) atos comunicativos do que “Travessia”. Em uma narrativa tensa e muito bem descrita, conta-se a história de cinco homens – o narrador, um albino, um negro e uma dupla de árabes, um deles surdo mudo - colocados em uma balsa fechada, e unidos pelo ato de atravessar uma fronteira indefinida que jamais surge. Cada mínimo gesto é analisado com desconfiança pelos demais integrantes da balsa, que precisam se relacionar mesmo sem conseguir conversar entre si. O nervosismo da situação, aliado ao desconhecimento mútuo e à incapacidade de estabelecerem uma comunicação mínima, faz com que todos os passageiros se comportem à beira da selvageria. Qualquer agrupamento humano incapaz de dialogar ou se manifestar é um barril de pólvora prestes a explodir. A simples atitude de dividirem uma laranja – um gesto inegavelmente simbólico entre desconhecidos – não é percebido como uma tentativa de chegarem à paz, servindo de estopim para mais incompreensão e raiva.

Não se pode afirmar que Olavo Amaral seja um artífice do conto, pois algumas das suas narrativas carecem da unidade de efeito preconizada por Ricardo Piglia. Sobram palavras em alguns contos e, em outros, o efeito acaba se desvanecendo em imagens fracas; usando a metáfora de Cortázar que aproxima o conto ideal de uma luta de boxe que ganha o leitor por nocaute, Olavo Amaral acerta um soco decisivo no leitor, mas, em seguida, quase coloca tudo a perder ao continuar a bater com a luta já encerrada e o juiz apitando o seu término. No entanto, o saldo final deixado pela leitura é mais positivo do que negativo. Existe mérito em usar a forma da *short story* sem dar atenção para didatismos ou teorias, preocupando-se somente em contar uma história. Além disso, em uma época em que a literatura se debruça sobre temas mínimos ou que rondam o egocentrismo dos próprios

autores, é confortante ler um autor que se dispõe a refletir sobre as dificuldades comunicacionais que estão na origem de todos os males humanos. Cada conto possui a própria maneira de articular a sua inquietação sobre os problemas de se comunicar em um local com muitos falantes e poucos ouvintes – esse estranho mundo em que sabemos de forma quase instantânea quando uma tragédia acontece em outro continente, mas ignoramos o silêncio daqueles que estão ao nosso lado. A literatura também é um ato de comunicação e, nesse sentido, o livro de Olavo Amaral permite que o leitor deixe uma postura de passividade em relação ao texto lido e traga os dilemas mostrados pelo autor para o interior das suas próprias relações.